

Comportamento

Celebrado em 24 de julho, o Dia Mundial do BDSM abre espaço para discutir um universo que vai muito além das práticas de dominação e submissão. Especialistas explicam que fantasias e fetiches fazem parte da sexualidade humana

POR GIOVANNA KUNZ

O imaginário popular costuma associar fetiches imediatamente ao BDSM. Filmes como *50 Tons de Cinza* ajudaram a popularizar o tema, mas também contribuíram para reforçar estereótipos e interpretações equivocadas sobre um universo muito mais amplo e diverso. Celebrado em 24 de julho, o Dia Mundial do BDSM propõe justamente ampliar esse debate e mostrar que a sexualidade pode ser vivida de diferentes formas, desde que haja consentimento, diálogo e respeito.

A sigla BDSM reúne práticas de bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo. A escolha da data também tem um significado simbólico: o "24/7" faz referência às pessoas que vivem essa dinâmica como um estilo de vida, 24 horas por dia, sete dias por semana. No entanto, o BDSM representa apenas uma parcela do universo dos fetiches.

Para a psicóloga e sexóloga Michelle Sampaio, diretora da Associação Brasileira de Estudos em Medicina e Saúde Sexual (ABEMSS), datas como essa ajudam a diminuir o preconceito ao trazer o tema para o debate público. "Ele sempre existiu. O que mudou foi que hoje conseguimos falar mais abertamente sobre sexualidade, com base em pesquisas e conhecimento científico", afirma.

Ela destaca que muitas pessoas carregam vergonha de compartilhar desejos e fantasias por medo do julgamento. "Quando a ciência entra na conversa, o preconceito começa a perder força."

Ao contrário do que muitos imaginam, fetiche não significa necessariamente práticas intensas ou dolorosas. Pode estar relacionado a roupas, perfumes, lingerie, sapatos, lugares ou situações específicas capazes de despertar excitação.

É o caso de Thiago, de 24 anos, nome fictício. O jovem descobriu que gostava de fazer sexo no carro de forma espontânea, quando ainda não tinha outro local para encontrar a parceira. Hoje, mesmo morando sozinho, continua buscando essa experiência. "Percebi que aquela sensação de estar em um ambiente diferente acabou se tornando um desejo. Ainda gosto porque quebra a rotina", conta.



Entre o tabu e o desejo

Muito além do BDSM

Especialistas lembram que qualquer elemento capaz de despertar desejo pode ser um fetiche.

Entre os mais comuns estão:

- Lingerie, sapatos e uniformes.
- Lugares diferentes, como carro ou motel temático.
- Jogos de dominação e submissão consensuais.
- Fantasias e encenações.
- Brinquedos e acessórios para adultos.

Quando revelou essa preferência à namorada, a conversa aconteceu naturalmente. Em outra ocasião, porém, ela explicou que não gostaria de repetir a experiência com frequência. "Eu respeitei. Fetiche só faz sentido quando os dois estão realmente confortáveis."

Comunicação

A fala resume um dos principais pilares apontados pelos especialistas: o consentimento. Michelle explica que nenhuma fantasia deve ser colocada em prática sem uma negociação prévia entre o casal. "A ideia do consentimento não é negociável. Ninguém é obrigado a fazer algo que não deseja, mesmo dentro de um relacionamento."

Segundo ela, quando um parceiro demonstra interesse por um fetiche e o outro não, o caminho é compreender o que existe por trás daquele desejo,

conversar sobre expectativas e, se ambos quiserem, experimentar pequenos passos. "Não é porque um casal decidiu viver uma fantasia que toda a vida sexual precisará seguir aquele roteiro", destaca.

Essa comunicação, inclusive, é considerada um dos maiores indicadores da satisfação conjugal. "Muitas vezes, casais que enfrentam dificuldades sexuais apresentam problemas de comunicação. Conversar sobre desejos fortalece não apenas a vida sexual, mas também a relação afetiva."

Para Bruna, nome fictício de uma entrevistada de 53 anos, criar coragem para falar sobre um fetiche exige confiança. Filha de uma família com educação sexual rígida, ela conta que sempre teve fascínio por homens fardados. O interesse começou ainda na adolescência e acabou evoluindo quando iniciou um relacionamento com um policial militar.

Entre suas fantasias estava ser algemada dentro de um camburão. O parceiro resistiu inicialmente, preocupado com a segurança, mas, depois de muita conversa, os dois chegaram a um acordo. "Foi exatamente como eu imaginava. Uma experiência incrível."

Nem toda proposta, porém, merece um "sim". Bruna lembra que recusou imediatamente quando um parceiro sugeriu amordaçá-la. "Perder a possibilidade de falar ultrapassava os meus limites. Achei uma proposta horrível", ressaltou.

Hoje, ela afirma conhecer bem aquilo que aceita ou não experimentar. Também acredita que o preconceito ainda pesa, principalmente sobre as mulheres. "Se a mulher fala muito sobre seus desejos, ainda é vista de forma negativa. Muitos homens continuam separando quem é 'para casar' e quem seria 'vulgar'."